

Vale do Jequitinhonha: histórias de resistência e a poesia da vida

*Nayá Fernandes**

1 INTRODUÇÃO

Todos os lugares do mundo, embora significativamente distintos entre si, têm uma característica que, se por um lado distancia, por outro iguala do ponto de vista estrutural: a experiência de vida das pessoas que neles vivem. Esse aspecto, a experiência cotidiana das pessoas, muitas vezes desconsiderado quando nos referimos à geografia ou estrutura do lugar, pode mudar totalmente a forma em que passamos por ele e o descrevemos.

No Brasil, é possível verificar isso com certa facilidade. Muito se fala, por exemplo, da Amazônia, mas pouco dos amazônidas; ou, quantos de nós tecemos inúmeros comentários sobre a cidade do Rio de Janeiro, sem jamais tocar na experiência vivida junto aos cariocas, a não ser para falar sobre a violência. Também pode ser notado quando alguém, ao descrever um monumento histórico visitado ao redor do mundo, não faz nenhuma referência ao povo que o conserva. Algo semelhante pode ser observado em alguns trabalhos acadêmicos que, acentados em um paradigma estruturalista, veem a migração mais como fenômeno e menos os migrantes que são os protagonistas deste processo, bem como suas experiências concretas. Isso se percebe em Lopes (1971; 1976) que reflete sobre a migração como um fenômeno determinado tão somente por questões econômicas estruturais.

Há lugares que parecem transformados pela experiência do povo que continuamente os reinventam, por mais inóspitas que sejam suas terras e condições de vida. O Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, é um desses lugares. O “Vale”, como é chamado por seus moradores, foi para nós local de encontro intenso com o povo.

Não queremos desconsiderar a beleza do cerrado e das chapadas, ou mesmo o charme das pequenas cidades construídas às margens dos rios, mas olhar nos olhos daqueles homens e, sobretudo das mulheres e, a partir daí, mergulhar em um mar de histórias e horizontes desconhecidos e, ao mesmo tempo, íntimos.

Este texto foi escrito a partir de entrevistas realizadas por nós, no campo jornalístico, junto a mulheres e homens em comunidades rurais dos municípios de Araçuaí, Berilo, Chapada do Norte, Francisco Badaró, Itinga, Jenipapo de Minas

* *Jornalista do O São Paulo. Graduada em teologia, Especialista em jornalismo literário e mestranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP.*

e Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha. Estivemos na região por duas vezes, Janeiro de 2013 e Janeiro de 2015, participando de uma Missão Popular realizada pela Pastoral do Migrante. Durante estes períodos realizamos entrevistas com moradores e lideranças de movimentos populares do Vale. Ao longo do texto, preferimos utilizar nomes fictícios para preservar as respectivas identidades das pessoas entrevistadas. Há ainda reflexões pessoais e percepções subjetivas. Todas elas, contudo, estão fortemente embasadas em situações e histórias reais nas quais se entrevê formas de resistência e estratégias para a conquista de um mínimo de dignidade expressa no cuidado de uma mãe para com os filhos ou na “simples” reforma de um banheiro ou outro cômodo da residência.

Assim, o texto apresenta-se como um retrato e a autora como alguém que tem proximidade e distância da cena. Longe de supor alguma isenção, há um lugar marcadamente proposital, de quem olha para tentar ver mais a fundo, como se quisesse desaparecer na cena descrita, para que a cena, por si só, possa contar-se como uma fotografia ou uma pintura.

2 DAS ENTREVISTAS E CONVERSAS PARA O TEXTO ESCRITO

Em cada um desses anos produzimos reportagens acerca dos acontecimentos e dos seminários, congressos e projetos realizados durante as missões. Mas a riqueza das experiências ouvidas e relatadas fez com que percebêssemos que era preciso escrever um texto menos informativo e mergulhar na poesia e na simbologia próprias do pessoas que vivem no Vale; uma poesia que sobrevive sobretudo no campo, com as mãos sujas de terra e a alma em um voo livre pela vida.

Escrever buscando nuances e sentimentos que são comuns a todos foi um desafio e, ao mesmo tempo, uma narrativa pessoal de transformação. Nesse sentido, o texto se aproxima bem mais do estilo de jornalismo literário, não o literário de ficção mas o literário no sentido da imaginação sociológica proposta por MILLS (1982). Ou ainda, na perspectiva do jornalismo literário, uma forma de narrar histórias que podem ser classificadas como a “Jornada do herói” procurando apresentar os fatos e a subjetividade das pessoas que os protagonizaram como sugere Campbell (2003).

O texto buscou priorizar a narratividade de forma densa, mas ao mesmo tempo livre, tentando manter a tríade da humanização em todo seu percurso. Essa tríade caracteriza-se pelas respectivas humanização do personagem, do repórter e do leitor que, de alguma maneira, se identifica com a história. Essa perspectiva metodológica norteou a narrativa e pode ser vista cada vez que percorremos sobre uma pessoa, mas também falamos sobre o que sentimos sobre ela. Isto nos permite ir um pouco além na reflexão para tentar dialogar pessoalmente com o leitor. De acordo com a narrativa do jornalismo literário, as reportagens

oferecem, no meio de certos artificialismos estilísticos e imperfeições técnicas, aquilo que caracteriza o jornal moderno – informações. Os tipos sociais observados representam a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual; a descrição de costumes e de situações sociais inauguram a reportagem de contexto; de passagem, alguns traços retrospectivos do fato narrado levariam, mais tarde, à reportagem de reconstituição histórica (MEDINA e LEANDRO apud. LIMA, 2013, 165).

Se a narrativa é um “método de recapitulação de experiência passada por meio de uma sequência verbal de orações correspondendo a uma sequência de eventos que (pode-se inferir) de fato ocorreram (LABOV, 1978, ?)”, conforme definiu William Labov (1978) , ela é também memória, experiência, e um composto de relações, sentimentos, impressões, cheiros, cores e pressupõe o reconhecimento da subjetividade, da memória, e ou de um certo grau de novidade, de algo que é inusitado.

Assim, falar sobre as pessoas do Vale do Jequitinhonha é mostrar ao leitor um mundo relativamente desconhecido, forte e repleto de mistérios. Como vive um quilombola ou uma mulher que faz remédios com ervas, folhas e raízes que Dolores no cerrado e na caatinga, biomas típicos do sertão mineiro? A escolha destes personagens deu-se porque vimos neles uma força imensa, universal e talvez incomum, mas também porque percebemos que eles são como qualquer um de nós e carregam o desejo de serem reconhecidos.

Procuramos ser fiéis à força expressiva da linguagem em cada narração e cena e, sobretudo na descrição dos detalhes, tentando fazer com que o leitor conheça os lugares citados. Outro recurso que procuramos explorar neste texto foi a função poética da linguagem como uma forma de produzir e difundir saberes, como observam Otavio Ianni (2003) e Antonio Candido (2011).

A tarefa do escritor é transformar a língua em algo novo, mesmo que ele precise repetir a mesma expressão para enfatizar uma ideia. Assim, sentimos que o recurso da repetição ajuda o interlocutor a fazer uma viagem e adentrar as casas, subir em árvores, perceber que, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, a vida vale, como disseram as mulheres responsáveis pela medicina alternativa e o tratamento de saúde da população de baixa renda. Foi isso que vivenciamos naquela região e é exatamente isso, com todas as nuances que podem existir para cada um, que gostaríamos de transmitir aos pesquisadores e demais leitores.

Os conflitos, essenciais para uma boa narrativa, também estão presentes neste texto, principalmente na relação ser humano X natureza X capitalismo. Ou seja, o desejo de alguns em preservar a natureza entra em choque com os interesses de outros que querem tirar dela o maior lucro possível, nem que para isso seja necessário matar pessoas, ou expulsá-las de seus ambientes, o que também pode significar um tipo de morte.

Embora o texto não tenha uma continuidade linear e seja caracterizado por trechos e histórias diferentes, o aspecto da imersão na realidade foi muito importante para que conseguíssemos narrar alguns detalhes sem perder o rumo que nos levaria a uma conclusão, ainda que geral. Aliás, a metodologia possibilitou uma imersão na vida e história das pessoas e narrá-las sem que, em determinados momentos, tivesse que se fazer uma entrevista mais formal, gravada. Apenas ouvimos e registramos em cadernetas de campo. Essa digressão apresenta uma face objetiva, palpável e outra mais sutil ou emocional, ambas intimamente conectadas à busca para compreender os significados nos níveis intelectual, psicológico e emocional.

3 NOS CAMINHOS DO VALE AO ENCONTRO DE SUA GENTE

As montanhas de Minas já não são as mesmas e os caminhões carregados de toras de eucalipto continuam a criar desconfianças gerais na população que vê sumir a terra e as nascentes dos rios. Não nascemos naquelas bandas, somos do noroeste mineiro e o Vale do Jequitinhonha chegava aos nossos ouvidos como sendo uma região de clima semi-árido e a região mais seca do estado; um lugar onde a vida estava ameaçada pela falta d'água. Mas, tão logo pisamos aquela região, sentimos que os brotos da caatinga e do cerrado eram mais fortes e sobreviviam tanto quanto as histórias de luta e força do povo que os vê crescer.

Fomos ao Vale do Jequitinhonha, pela primeira vez, em 2013. Foi um abrir de olhos para a realidade diversa e daté adversa para muitos, não para nós. Fazíamos parte de um grupo com cerca de 60 pessoas formado pela Pastoral do Migrante para realizar uma Missão Popular junto à famílias de migrantes no município de Berilo. O grupo foi dividido em várias equips para visitar comunidades urbanas e rurais e conhecer de perto as realidades de seus moradores. Isso durante a Missão Popular da Pastoral dos Migrantes, que aconteceu de 13 a 19 de janeiro, em 28 comunidades rurais do município de Berilo (MG), a 549 km de Belo Horizonte (MG). O tema proposto para reflexão foi: "Terra, Água, Juventude e Bem Viver!" A Missão Popular consistiu em celebrações, oficinas, encontros com jovens, mulheres, visitas às comunidades quilombolas, noites culturais e outras atividades que foram desenvolvidas durante uma semana.

No encerramento, dia 19/01, foi realizado um seminário que reuniu trabalhadores migrantes cortadores de cana, mulheres agricultoras (muitas delas irmãs, vizinhas, mães e ou esposas de trabalhadores migrantes), jovens universitários, políticos, religiosos, crianças, mães que choravam a morte de seus filhos, sobretudo devido a acidentes ocorridos nas usinas de beneficiamento de cana-de-açúcar, ou mesmo pessoas submetidas a trabalho forçado e situação análoga à escravidão nos lugares para os quais eles se emigravam para trabalhar, a maior parte nos estados da Bahia, São Paulo e Sul de Minas Gerais. Foi um momento de múltiplos relatos, diálogos, unidade e de percepção do quanto era preciso escutar. Foi o que fizemos desde então.

Andando de uma comunidade para outra à beira das estradas empoeiradas ou por trilhas abertas na caatinga, vimos povoados inteiros esvaziados porque pais, filhos e mães precisaram migrar em busca de trabalho e melhores condições de vida. Havia muitos homens com mãos cortadas, coluna dorsal torta, dedos calejados, dores inimagináveis, mulheres que convivem com uma viuvez sem luto, cheias de vazios.

Contudo, bastava parar em uma ou outra casa e passar porta adentro para ver frondosa acolhida, como frondosa é a copa do pequiseiro no cerrado. Logo nos eram oferecidos café quente com biscoitos e bolos. Em geral, se podia notar crochês enfeitando sofás, um maço de rosas ofertadas ao santo repousado na parede ou em um canto da casa, e, nos porta-retratos a membros da família que vivem ou trabalham longe, mas nasceram ali a cerca da da horta do quintal, da cisterna e do fogão de barro sempre aceso. A socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva (1999) aponta que, quando o fogo está apagado, quase sempre trata-se de uma situação em que a família não dispõe de recursos e gêneros alimentícios para matar sua fome. As secas e a falta de recursos calcinaram tudo.

Mas, ainda que as secas desafiem a vida no Vale, vi fontes cristalinas, isto é, meninas moças que usam batom, vestido florido e têm olhos de ternura; mulheres que criam os filhos, contam histórias, cantam e dançam na roda e também lavram a terra plantando milho, feijão, mandioca, verduras, sonhos de uma vida melhor; colhem ervas medicinais, raízes e frutos folhas nas chapadas - ameaçadas pelo avanço do agronegócio de eucaliptos - para produzir remédios e comercializá-los a preços acessíveis à população dos campos e cidades do Vale do Jequitinhonha.

Nos anos seguintes, 2014 e 2015 voltamos ao Vale e pudemos conhecer outros municípios como Araçuaí, Itinga, Jenipapo de Minas, Francisco Badaró, Minas Novas e Chapada do Norte. Continuamos a ouvir histórias que nos fizeram desenvolver sentimentos de admiração e sempre mais curiosidade pelas pessoas que habitam aquela região. E, quando falamos curiosidade, não gostaríamos que nos comparassem àqueles que veem o diferente como um zoológico, em que as coisas estão ali para serem exploradas e que o mundo veja o quanto são diferentes das outras pessoas. A nossa era e continua sendo, uma curiosidade quase infantil, aquela que faz brilhar os olhos e sentar-se embaixo da árvore, ou à mesa para ouvir mais um caso. Nestes anos fui acompanhada do Sergio Ricciuto, meu esposo, que além de artista e, na ocasião, fotógrafo, ajudava-me, com seu “olhar azul”¹, a ver além do que as mãos podiam palpar e os ouvidos podiam escutar.

4 MARIAS NA ROTA DO MONOCULTIVOS E DA MINERAÇÃO: MIGRAÇÕES E DIGNIDADE AMEAÇADA

Se Minas é a terra das montanhas, os belos horizontes está ameaçado em vários trechos da estrada. O trajeto percorrido de ônibus de São Paulo até Araçuaí-MG é longo e dolorido. E não falamos das 24 horas de viagem

que parecem intermináveis e das sacolinhas de plástico remexidas por alguns passageiros madrugadas fora. Outros passageiros, ávidos por um cochilo mais duradouro, acordam com os barulhos das sacolinhas. Falamos sim do sentimento de ausência a cada montanha e vegetação nativas destruídas, da cena de caminhões carregados de toras de eucalipto ou minérios pelas vias esburacadas.

Se não bastasse a extração sem controle do minério de ferro, pedras de granito, turmalinas etc. que vem provocando o assoreamento dos rios, o Vale do Jequitinhonha contém milhares de hectares de terra com eucaliptos. Um monocultivo que prejudica e acelera ainda mais a desertificação do solo. Embora haja controvérsias sobre o assunto, ao visitar as comunidades rurais da região, muitos moradores, posseiros afirmaram que o fluxo dos rios tem diminuído nos últimos anos e, principalmente, suas nascentes estão secando próximo às plantações de eucalipto.

Para chegar à casa de Maria das Graças, no município de Jenipapo de Minas, deixamos o carro a cerca de dois quilômetros e seguimos a pé. No caminho, há um campo de futebol que estava repleto de sorrisos irradiados por chutes de meninos que percorrem as estradas empoeiradas todos os dias em busca de sonhos que os fazem viajar, mas ao mesmo tempo permanecer ali, onde as árvores se agitam para comemorar e o vento faz soar um alto e belo “gooooooooooool”. Ainda na estrada, a caminho da casa de Maria das Graças, ganhamos a juvenil companhia de Jéssica, que nos guiou porque não conhecíamos o caminho. A mãe dela, pela janela, gritava com uma voz trêmula e forte ao mesmo tempo: “Ah! Vocês vão visitar Maria? Ela merece. Como sofreu durante a doença do marido. Saía para a cidade e deixava as crianças sozinhas. Meus Deus! E agora está sofrendo com a filha”.

O aviso nos deixou ainda mais ansiosos se saberíamos escolher bem as palavras para dirigir àquela mulher. Chegamos a uma casinha branca, pintada com um barro natural da região. O chão de terra batido e a horta verdinha no fundo do quintal, faziam prever que ali havia muito cuidado. Ao nos aproximarmos, do alto, pudemos avistar a casinha rodeada por árvores frutíferas e uma sequência de outras que protegem a nascente e o córrego ao redor dela. Muitas pessoas, ligadas à empresas mineradoras e empresas de eucalipto, tentaram retirá-los daquele lugar. Isto acontece com outros pequenos agricultores, a maioria deles vive como Maria das Graças e sua família, plantam e colhem para comer. É a chamada agricultura de autoprovisionamento como observa Maria de Nazaré Baudel Wanderley (2015).

Era domingo quando chegamos à casinha de Maria das Graças. Uma a uma, as meninas saíam do banheiro com a toalha enrolada ao corpo. As demais, no quarto, pintavam as unhas e arrumavam os cabelos com uma alegria pueril de quem vive buscando com o olhar a beleza refletida no espelho. Ao todo, na casa de Maria das Graças, eram oito meninas, tímidas e risonhas, cheias de doçura e contentamento. Depois, começaram a aparecer os meninos. Eram quatro. Mais

ligeiros, os pequenos corriam de um lado para outro enquanto esperavam que elas se aprontassem. “Cuidado para não se sujarem”, repetia a mãe. O evento era a missa com o bispo, que, pela primeira vez, passava por aquelas bandas. Mãe e filhos iriam a pé até o colégio onde aconteceria a celebração.

“A casa não é minha, mas o fazendeiro, que é o dono, deixa que vivamos aqui”, disse Maria das Graças, com a voz alegre e lamentante ao mesmo tempo. Seu olhar, com frequência, dirigia-se a uma das filhas que a essa altura, sentou-se no único banco de madeira, no meio na sala, onde estava também a mesinha com uma televisão. Na casa havia mais três quartos pequenos, onde meninos e meninas se dividiam. O banheiro e a cozinha ficavam fora da casa. A mãe, orgulhosa, fez questão de mostrar os azulejos do banheiro, comprados pela filha mais velha, de 17 anos, que possibilitou a construção do banheiro com o dinheiro que ganhou com seu trabalho no Rio de Janeiro. Um singelo e importante “símbolo da migração”, diria Martins (1988) ao se referir às migrações sazonais e, ainda que muitas vezes pequenas, as importantes transformações dos lugares, casas, modo de vida, aquisição de moveis, pequenos animais proporcionados pelas remessas enviadas ou dinheiro que os migrantes conseguem trazer da imigração para os seus familiares nos locais de origem.

Uma grande parte dos homens e mulheres nascidos no Vale do Jequitinhonha, antes mesmo de alcançar a maioridade, precisa migrar para conseguir algum dinheiro. Há um processo intenso de migrações, principalmente, com os jovens, cujos protagonistas diretos são, predominantemente, os homens. Grande parte deles dirige-se às fazendas ou às usinas de açúcar e álcool, para trabalhar nas colheitas de café, laranja, maçãs, cana-de-açúcar etc., onde recebem salários por produtividade e, não raro, trabalham em condições análogas a de escravo. Porém, tem se intensificado a migração feminina. Em geral, são jovens que migram para trabalhar nas grandes cidades em trabalhos domésticos, lanchonetes e fábricas, ou que, às vezes, migram para outros países, como mostra a pesquisa de Pereira (2012). A filha mais velha de Maria das Graças não teve escolha. Depois da morte do pai e da doença da irmã, a responsabilidade de manutenção da casa recaía, principalmente, sobre ela. Maria tinha ficado viúva há menos de dois anos, quando a visitamos na zona rural da cidade de Jenipapo de Minas.

A filha de Maria das Graças é uma das muitas, na região, que entram para as estatísticas da migração em busca de melhores condições de vida. Ela trabalha na cidade do Rio de Janeiro, mas há um grande número de adultos e jovens, a maioria homens, que sai para trabalhar e permanece cerca de 9 a 10 meses por ano nas lavouras de monoculturas como café, laranja e, sobretudo, no corte de cana em situações precárias e análogas ao trabalho escravo. Jornadas de trabalho exaustivas, alimentação e alojamentos precários, falta de instrumentos de trabalho adequados, ausência de contratos e cobranças indevidas, em que o trabalhador é obrigado a pagar pela viagem realizada, pelo alojamento e por toda a comida recebida durante sua permanência, de modo que acaba acumulando dívidas.

Essa é a história de Maria das Graças, mãe de 12 filhos. Seus rebentos estavam todos ali, fortes, belos, cheios de energia. Ela lutando para alimentá-los, morando de favor na casa de um fazendeiro, viúva, com uma das filhas doente. Maria, porém, não me comunicou tristeza. Com os olhos baixos e a voz também, vi nela a mesma frescura de sua horta, verdinha, pronta para ser alimento. Ela sabe o que significa dar de comer com as próprias mãos e construir, a cada dia, um pedacinho da casa com os pés fincados na terra e molhados pela nascente que corre bem ali, onde seus projetos estão desde sempre plantados.

Cabe aqui, lembrar outra história, a de Dolores, 57, que se repete e confirma a necessidade de que se continue insistindo na prevenção e denúncia dessa situação de trabalho escravo que parece paradoxal com o amplo e profundo desenvolvimento científico e tecnológico do século XXI. Dolores, que conheci no ano anterior, na cidade de Berilo (MG), teve 6 filhos, todos migrantes. “A primeira vez que um dos meus filhos foi para o corte de cana, aos 19 anos, morreu num acidente com uma máquina da usina de açúcar. Após 12 dias, me chamaram pra receber a rescisão dele e disseram: ‘Olha, mãe, seu filho só tem direito a isso, porque ele morreu com uma máquina que era terceirizada, não temos responsabilidade’. Achei aquilo um absurdo, entrei na justiça e ganhei a causa”. Sete meses depois, Dolores recebeu outro filho no caixão lacrado. “Ele saiu de casa numa quarta-feira. Na sexta, começou o trabalho. Disseram que, às 10h da manhã, não conseguia mais trabalhar e o deixaram lá no canavial, só o levaram para o acampamento à tarde, junto com os demais. Para o hospital ele foi no sábado seguinte e, no domingo, voltou para o barraco, sem fazer nenhum exame”, disse-nos Dolores.

Na terça-feira seguinte, o filho de Dolores faleceu. Ela o recebeu exatamente oito dias depois que saiu. Dolores disse-nos que “no atestado de óbito havia cinco causas. Como um médico, um hospital, recebe alguém mal, não faz nenhum exame e o doente vem a óbito com 5 causas no atestado? Disseram que ele morreu por insuficiência respiratória e pulmonar, astenia (doença caracterizada pela perda de força muscular), hepatite e outra doença que não me lembro”, disse a mãe entre lágrimas enquanto se escorava na minha mão que, à esta altura, estava também trêmula. Ver aquela mãe chorando foi como percorrer séculos de injustiças e exploração. O estado de Minas Gerais está em quarto lugar no ranking do trabalho escravo, e teve 3.191 libertados em 2014.

Para se ter uma ideia da extensão e profundidade do tráfico de pessoas e o trabalho escravo no Brasil, de 1995 até setembro de 2017, de acordo com os registros do MTE - Ministério do Trabalho e Emprego, e, da Comissão Pastoral da Terra – CPT, 50.238 trabalhadores foram libertados do trabalho escravo. Isto sem considerar as denúncias feitas, mas que não foram investigadas, ou ainda o período anterior a 1995 em que não haviam denúncias, tampouco fiscalizações (PEREIRA, 2018, p.03).

Depois da conversa com Dolores, caminhamos um por tempo razoável até onde estava o carro e começamos a subir a chapada para retornar ao município mais próximo dali. Na estrada, podia-se ver ao longe quilômetros de plantação de eucaliptos sobre a chapada². A maior parte do eucalipto é utilizada na fabricação de celulose, pois o Brasil têm as maiores empresas de celulose do mundo, e a exportação é feita principalmente para a China. A paisagem monótona das plantações de eucalipto passou a ser comum em cada uma das nossas andanças, somada aos inúmeros caminhões carregados com as toras da madeira pelas rodovias.

O pujante e vigoroso crescimento econômico representado pelo monocultivos de eucalipto e a ação de empresas mineradoras no Vale do Jequitinhonha, com amplo apoio governamental e isenções fiscais, concentração da riqueza e concentração fundiária, contrastam impiedosamente, com as frágeis condições de vida e as histórias de tantas Marias e tantas Dolores com seus filhos ceifados no bojo do “moderno” processo produtivo ou forçados a viver à margem dos direitos e da dignidade humana.

5 DONA ZEZÉ, SR. MIÚDO - BATUQUE, TUTU, LUTAS E MEMÓRIAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Dona Zezé estava no quarto de sua casa, localizada na comunidade quilombola Lagoa Grande, no município de Jenipapo de Minas-MG, quando chegamos para visitá-la. Soubemos depois que ela estava chorando. O motivo não quiseram ou não sabiam informar. Mas, a Dona Zezé saiu do quarto como se nada tivesse acontecido. Logo prepararam-nos biscoitos, bolo, café e música. A casa enchia-se com um ar tão festivo que sentíamos-nos em um filme de Almodóvar. As crianças, curiosas, a tudo assistiam por detrás da porta. A casa era baixa, os tijolos à vista, o telhado com toras de madeira e telhas de barro. O quintal de barro batido, branco. O Sr. Miúdo, um dos mais velhos moradores dali, convidou-nos para tomar assento. Éramos quatro pessoas. Não sabíamos se o nosso olhar de admiração. Logo chegaram o bolo, biscoitos, o café. O Sr. Miúdo e a Dona Zezé pegaram a sanfona e o pandeiro. Ensaíamos uma lágrima, mas seguramos a emoção. O contexto era de recepção festiva e alegre.

Não conhecíamos a maioria das cantigas. Eram letras e melodias trazidas de longe, de um tempo em que cantar, dançar e comer não eram tarefas fáceis para os moradores dali. As toadas e os batuques remetiam ao período da escravidão legal no país nos respectivos períodos colonial imperial da história do Brasil. Os moradores de Lagoa Grande sabem que são remanescentes de um quilombo e conhecem bem, e de maneira detalhada, a história dos seus antepassados. “Meus bisavôs, escravos, não podiam construir casas altas para si e a eles eram deixados os piores alimentos”, disse com uma voz baixa e candenciada o Sr. Miúdo, sanfoneiro, neto de escravos, agricultor e um dos líderes da comunidade Lagoa Grande. Na comunidade eles lutam para ver reconhecidos e respeitados os seus direitos de quilombolas.

Eva dos Santos, que mora na área urbana de enipapo de Minas, trabalha como professora de Ensino Religioso e atua como liderança da Pastoral do Migrante na região. Eva Santos nos acompanhou até as comunidades quilombolas e contou-nos que as famílias vivem o drama de serem expulsas a qualquer momento ou ficarem apenas com a casa, sem terra para plantar e cultivar seus animais. As terras onde antes viviam senhores de escravo ficaram sob a responsabilidade do Estado e se transformaram em terras devolutas. “Há pouco tempo [as terras] foram sendo reocupadas de maneira indiscriminada, mas os descendentes dos escravos sempre permaneceram ali, de geração em geração e, por isso, querem que seja reconhecido e demarcado como território quilombola”, explicou-nos Eva. Saímos de Lagoa Grande com um nó na garganta, mas muita esperança no ser humano. A música do Sr. Miúdo e da Dona Zezé, a alegria das crianças e até mesmo o latido grave dos cachorros não deixariam morrer o que eles eram. A demarcação da terra, tão importante para eles, seria conquistada, um dia.

Sergio Ricciuto e eu visitamos outra comunidade quilombola em 2014. Trata-se da comunidade Córrego Narciso, localizada no município de Araçuaí-MG. Na comunidade Córrego Narciso conhecemos Marta, uma jovem mãe que acolheu-nos e preparou um saboroso almoço em um fogão à lenha. Panelas penduradas na parede, carne cozida, arroz, feijão de corda, caxixe, abóbora. Um verdadeiro banquete regado a uma prosa mansa e cheia de significados. Enquanto pegava no colo a filha de cinco anos, Marta relatou-nos que o projeto da comunidade “agora é resgatar a tenda de farinha, para que todos da comunidade possam trabalhar”.

Marta é irmã de Vitória e juntas fazem um trabalho de valorização da comunidade juntos aos outros moradores, organizações sociais e ainda junto ao poder público. Quando saímos de lá, Marta nos emprestou 2 litros de gasolina. Tínhamos nos perdido no caminho e chegamos a nos atolar na poeira, em uma das subidas em que a terra solta faz com que os pneus do carro deslizem como se fosse um atoleiro de lama. Para evitar outras surpresas com atoleiros de poeira, no ano seguinte (2015), ganhamos a companhia de João de Lira, liderança da Comissão Pastoral da Terra, que, na ocasião, voluntariamente nos acompanhou nas visitas às comunidades rurais.

Conhecer essas comunidades quilombolas em um estado onde a exploração dos rios, serras, mas sobretudo do povo é voraz desde o início, foi como adentrar em um interior de dores, sofrimentos, escassez, abandon por parte do poder público, mas também onde, das cinzas nascem brotos de sonhos, brotos de lutas, resistências e utopias por liberdade e vida Digna. A negritude daquele povo fez-nos pensar na força que existe na tradição feita história; na mandioca que é transformada em farinha e, desde sempre, complementa a alimentação de quem trabalha; no batuque que faz feliz as mulheres e suas saias rodadas, nos meninos e seus olhinhos de luz brilhando ao sol.

6 NO CANTINHO DA SAÚDE - MULHERES QUE FAZEM A VIDA VALER NO VALE

No trecho da cidade de Virgem da Lapa, após Araçuaí, sentido Belo Horizonte, uma das carretas, apelidadas pela população de “mamute” deslizava na via sem asfalto, tentando sair de um buraco, à frente do ônibus lotado de passageiros. Sergio Ricciuto, meu companheiro de vida e de campo, se assustou. Foi um momento de tensão e medo. Podíamos ter ficado por ali mesmo, e não mais falar sobre a Maria ou sobre a Dolores. A cena, que não saiu da minha mente por dias seguidos, foi forte e significativa para entender ainda melhor as injustiças sociais da região. O chão parecia tremer cada vez que uma daquelas carretas se aproximava do nosso carro.

Em todo o Vale há um trabalho organizado de mulheres que estão à frente das farmácias naturais. Com auxílio de organizações não governamentais e religiosas, elas Doloresm plantas de maneira sustentável na chapada, no cerrado e na caatinga para fabricar remédios, que são preparados e vendidos a preços acessíveis em farmacinhas populares. Em alguns casos, elas cultivam também hortas na sede da farmácia.

Xarope, expectorante para gripe, tosse, anemia ou fraqueza, em geral custa R\$10,00 cada. O mentrasto serve para problemas digestivos, é ante-inflamatório e ajuda nos sintomas da depressão. Já a rosa branca, o mulungo, a raiz de alface e a camomila são calmantes naturais, para ansiedade e nervosismo e custam apenas R\$7,00 cada frasco. Beringela e alcachofra são ótimos para reduzir colesterol, ácido úrico, controlar a pressão alta e o sistema digestivo como informou-nos Dona Maria Josefa no Cantinho da Saúde. Esses e outros remédios naturais eu adquiri em 2015, quando visitamos três núcleos de medicina alternativa nas cidades de Araçuaí, Itaobim e Itinga.

O Cantinho da Saúde é uma das farmácias naturais mais organizadas e bem estruturadas da região. Localiza-se em uma simpática casa ao lado da Catedral de São José, no bairro Alto Santuário, município de Araçuaí-MG.

O espaço denominado “Cantinho da Saúde” é composto por uma casa e uma horta ao seu lado. Sua organização é feita pelo Grupo de Mulheres Saúde na Natureza – no Vale a Vida Vale. Este grupo é organizado por três mulheres, Dona Josefa Santos, Dona Maria do Carmo e Dona Maria José.

A Igreja Católica apoiou desde o início o trabalho das mulheres no que se refere à articulação e estrutura da farmacinha, sobretudo por meio da Caritas Diocesana de Araçuaí. A casa, ao lado da horta grande, é tomada por frascos de todos os tamanhos; os fogões e geladeiras limpos; os armários em todos os cômodos adaptados e cheios de saquinhos com folhas secas, raízes, sementes colhidas na horta ali mesmo no quintal ou nas chapadas próximas, tornam o lugar não só um ponto de busca de cura, mas revigorante para quem passa. Ali, sentados à sombra da aceroleira, em uma tarde cheia de histórias aos fundos de uma igreja, conhecemos Josefa Santos, Maria do Carmo e Maria José³. A

sombra da aceroleira não era suficiente para cinco pessoas se cobrirem do sol escaldante do Vale do Jequitinhonha, então a Dona Josefá convidou para que fôssemos abrigar-nos à sombra da mangueira em botões de flores prometendo frutos doces e cheirosos.

As mulheres, com seus coletes verdes e touquinhas na cabeça, começaram a relatar como começaram o projeto com a medicina alternativa. As três mulheres eram para nós uma trindade que nos oferecia sua sabedoria, seu tempo, seus seres. Pensava no que nos aproximava daquelas mulheres e também o que nos separava. Nunca fomos adeptas aos medicamentos, mas aqueles frasquinhos verdes e marrons pareciam-nos tão críveis, tão cheios de algo que eu sempre busquei: crer naquilo que o ser humano faz com as próprias mãos. Compramos sete ou oito frascos com remédios. E ainda comparamos uma garrafada para ajudar na fertilidade, pois Sergio e eu estávamos há mais de 6 meses na fase de tentativas para ter nosso primeiro filho.

A conversa com as mulheres do Cantinho da Saúde foi informativa e principalmente informal; cheia de relatos e risos. Mas, foi também um mergulho em nossa própria existência. Pensávamos o que significava levar aqueles frascos para casa, mas também o que eles fizeram-nos recordar como os chazinhos feitos por nossa mãe com ervas colhidas do quintal como capim santo, funcho, hortelã, os sumos de menstroz, que sempre chamamos de mastruz ou o boldo, que a gente conhecia como “sete-dor”... Aquelas mulheres, contudo, iam além do chazinho para o resfriado, elas criam na cura possível por suas mãos, por suas ervas, pela horta cheia de flores, frutos, caules, rezas e histórias de bem viver.

O “Grupo de mulheres, saúde na natureza. No Vale a vida vale” já se sustenta e vai além. O Cantinho da Saúde é a única fonte de renda para as mulheres que ali trabalham. Ademais, proveem remédios diversos, a preços acessíveis, à população que mais precisa deles. “Já vi criança chegar aqui tão fraca que parecia que não iria aguentar nem mesmo uma injeção. Mas, foi começar a tomar o remédio da gente e ir melhorando, pouco a pouco”. A fala de Dona Josefa representa um desejo de bem que pode ser visto no seu jeito cuidadoso de lavar as panelas, de sentar-se com simplicidade à sombra da mangueira ou de sorrir timidamente diante de minhas perguntas.

Ali, naquele “cantinho da saúde” elas disseram que foram reaprendendo a descobrir e a acreditar nas plantas, a cultivar a terra, a preservar a chapada. Pela tradição recebida dos pais e pelo contexto no qual cresceram, aquelas mulheres sempre acreditaram nas plantas. Saimos dali diferentes, não só pelos frascos colocados na mochila, mas também por perceber a força da mulher que, em sintonia com a natureza e disposta a ajudar os outros é uma força ainda pouco valorizada. Sergio e eu ficamos fascinados com a força daquelas mulheres, com a coragem de propor a cura pela consciência da missão pessoal que elas têm.

Outra mulher com quem conversamos foi a Fátima Santos, uma líder que já emigrou do Vale do Jequitinhonha, retornou e anima grupos de mulheres, comunidades quilombolas etc a partir do próprio aprendizado da vida no Vale.

“Quando voltei para o Vale, estava totalmente perdida, porque fiquei 15 anos fora. Hoje, considero que o que sei, aprendi, vivi no Vale e não penso em sair mais”. Este é um relato de Fátima Carvalho, mãe da pequena Mariana. Fátima Carvalho trabalha com projetos sociais na região, como a construção de cisterna e a divulgação das sementes crioulas – sem agrotóxico – nas plantações, além de também atuar como agente da Pastoral do Migrante. Com uma pele morena, corada pelo sol e os olhos cor de mel, Fátima conquista a simpatia e a confiança das pessoas por onde passa e tem um jeito especial para ajudar grupos e comunidades na luta por seus direitos. Foi a Fátima Carvalho quem acompanhou o processo de reconhecimento da comunidade Córrego Narciso como quilombola.

Fátima acompanha e incentiva os grupos de mulheres do Vale do Jequitinhonha a continuarem buscando forças e recursos financeiros para levar à frente os projetos de farmácias naturais. “O povo do vale é um povo sofrido, principalmente pela falta de água, mas o que me motiva a continuar é a alegria dessas pessoas que amam o lugar onde vivem. A gente quer resolver os problemas do mundo e isso não é possível, mas podemos sim ajudar as pessoas a lutar pelos seus direitos, para que elas, seus esposos e seus filhos possam exercer o direito de emigrar, mas também o direito de ficar nas comunidades, se assim desejarem, e vivam com dignidade.”

Assim, Josefa, Fátima, Maria José e tantas Marias colhem muito mais do que raízes, colhem bem estar e recolhem histórias de quem tem fé na vida, na cura, nas mãos e ações dessas mulheres que tanto se doam por uma vida saudável para aqueles que ficam e também para aqueles que partem do Jequitinhonha. Principalmente, suas ações individuais e articuladas a grupos, comunidades e organizações revelam estratégias de resistências e formas de organização que viabilizam a vida para aqueles que ficam no Vale; que apontam para os gestores públicos que a migração forçada ou voluntária do Vale está diretamente relacionada, ainda que não exclusivamente, com a expropriação de direitos e a omissão ou conivência do Estado manifestas no abandono ou escassez de políticas públicas que viabilizem o acesso a um mínimo social vital, como o direito ao trabalho decente, à moradia, à água potável, à terra, à saúde, à educação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de escrever este texto foi desafiador e libertador. Afinal, ver experiências, modo de vida totalmente ou pelo menos em parte diferente daquilo que vivemos nos grandes centros urbanos fez com que analisássemos a realidade, fazendo um exercício de desnudamento para vestir outra roupa. No caso do Vale do Jequitinhonha e a sua gente, uma roupa cheia de cheiros, cores e sentimentos e, muitas vezes, tão bonita quanto escondida e desprezada mandatários locais e governos.

Ao entrarmos nas experiências de vida das pessoas com suas migrações, arranjos, estratégias e organizações de grupos e comunidades em busca de melhores condições de vida e dignidade, vestimos outra roupa e percebemos claramente que escrever sobre essas realidades acrescentou-nos um jeito novo de olhar o mundo.

Nesse sentido percebemos que, para o jornalismo literário, a pesquisa em sociologia, antropologia, etnografia etc. e para o público em geral, que este trabalho pode ser um olhar cuidadoso sobre determinados seres humano e sobre minorias de seres humanos para os quais nem sempre é dirigido um único olhar. Ou seja, é uma oportunidade de conhecimento e sensibilização; uma hermenêutica na qual a prática e a teoria se abraçam com o objetivo de trazer à tona a natureza mais profunda dos fatos, de uma experiência. Trata-se da produção de um conhecimento que parte do sensível, do invisível. No caso que apresentamos, das diversas travessias nos processos migratórios vivenciados por homens e mulheres que partem, mas também por aqueles e aquelas que fiam no Vale; da experiência de sentar-se no banco de madeira de uma casinha, muito distante, onde só é possível se chegar a pé. E alguém foi até lá, sentou-se com os moradores da casinha, ouviu as suas histórias e viu com um olhar diferente aquelas pessoas, viu a si mesmo e procurou transportar o que viu, aprendeu e agora sabe, para outras pessoas, pesquisadores ou não.

Ser um jornalista literário ou um sociólogo, antropólogo, um pesquisador da área de humadadades é um velejar e mergulhar em outros mares, outros horizontes sem deixar de mergulhar e ver-se a si mesmo no espelho do outro. É um jogo entre a gente, o outro e o mundo, numa busca constante de saberes e conhecimentos afim de uma experiência humana melhor. Cabem aqui os versos do poeta do simples, Manoel de Barros (2010), que, como ele mesmo dizia, não tem biografia, só poesia.

*Meu irmão apreciava
De estar o puro entardecer
Dentro de suas mãos
Carregadinhas de amor
E a terra se merecia
De dar naquelas mãos, até flor.*

Manoel de Barros.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

NOTAS

¹ A expressão “olhar azul” refere-se à profissão de Sergio, artista plástico, que ilustra, inclusive a capa da Revista Travessia desde 2013. A companhia de um artista, capaz de “transver” o mundo ajuda muito quando se deseja encontrar novos pontos de vista e, ao mesmo tempo, salvaguardar a origem das coisas, a supremacia do belo.

² Chapadas são terrenos com extensas superfícies planas em regiões de serras com altitudes geralmente superiores a 600 metros.

³ Josefa Santos morreu em maio de 2018. Mas, o trabalho continua com as outras duas mulheres e também com a recente chegada ao grupo da Marlúcia Santos, filha mais velha de Josefa Santos.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CAMPBELL, J. A jornada do herói. São Paulo: Ágora/Summus, 2003.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

IANNI, Otávio. **Estilos de pensamento**: explicar, compreender, revelar. Araraquara-SP: Unesp, 2003.

LABOV, W.; Waletzky, J. Language in the inner City. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1978.

LIMA, E. P. Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura – Jornalismo Literário. São Paulo, Manole, 2013.

LOPES, J. R. B. **A sociedade industrial no Brasil**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1987.

_____. **Desenvolvimento e mudança social**. São Paulo: Companhia Nacional, 1976.

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 6ª Ed.

PEREIRA, J. C. A. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. 2012. 298p. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Sociologia. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2012.

_____. **A. Tráfico humano, migrações e trabalho escravo**. Mimeo. São Paulo, 2017.

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: UNESP, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014 – Impressa em Fevereiro de 2015

RESUMO

O objetivo deste texto é descrever as experiências de homens e mulheres do Vale do Jequitinhonha. Utilizando-se do método de inserção na realidade, o texto quer ser um convite para entrar no cotidiano e perceber a beleza, a luta e a dor existentes no interior de cada pessoa esteja ela onde estiver e, no caso, homens e mulheres do Vale do Jequitinhonha no interior do estado de Minas Gerais. Com descrições e impressões pessoais, pretendemos trazer à tona homens e mulheres marcados por fortes experiências pessoais e coletivas de vida, como os motivos que levam a migrar para outras regiões do Brasil e do exterior. O presente trabalho desenvolve-se através de uma narrativa que pretende apresentar as estratégias culturais e laborais que proporcionam-lhes superar dificuldades básicas e viver com alguma dignidade. De maneira sensível e cuidadosa, os interlocutores diretos foram ouvidos durante os meses de janeiro de 2013 e de 2015, quando pudemos participar de duas missões populares da Pastoral do Migrante junto a famílias de migrantes no Vale do Jequitinhonha.

Palavras-chave: mulheres líderes, estratégias, migração sazonal, Vale do Jequitinhonha

ABSTRACT

The objective of this text is to describe the experiences of men and women of the Vale do Jequitinhonha. Using the insertion method in reality, the text wants to be an invitation to enter the daily life and perceive the beauty, the struggle and also the pain existing inside each person, wherever he is and, in this case, men and women of the Vale do Jequitinhonha in the interior of the state of Minas Gerais. With descriptions and personal impressions, we intend to bring to the fore men and women marked by strong personal and collective experiences of life, as the reasons that lead to migrate to other regions of Brazil and abroad. The present work is developed through a narrative that intends to present the cultural and labor strategies that allow them to overcome basic difficulties and to live with some dignity. In a sensitive and careful way, the direct interlocutors were heard during the months of January 2013 and 2015, when we were able to participate in two popular missions of the Migrant Pastoral together with families of migrants in the Vale do Jequitinhonha.

Keywords: women leaders, strategies, migração sazonal, Vale do Jequitinhonha